

AS VIVÊNCIAS DA MÃE DE UMA CRIANÇA ATÍPICA: NEGLIGÊNCIA VS SUPERPROTEÇÃO

THE EXPERIENCES OF THE MOTHER OF AN ATYPICAL CHILD: NEGLECT VS OVERPROTECTION

Ana Carolina Cortez¹

Benedita Figueiredo²

Rafael Cortez³

Tatiane Rodrigues⁴

Shirlei Zolfan⁵

Resumo: Este estudo realiza uma análise sobre a experiência da maternidade de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase nas dificuldades enfrentadas pelas mães e nas consequências para sua saúde mental. A pesquisa aponta a importância de compreender as particularidades do cuidado destinado a essas crianças. Além disso, a análise mostra que tanto a negligência quanto a superproteção parental podem surgir como respostas às demandas complexas do TEA, evidenciando a necessidade de redes de apoio e de intervenções adequadas.

Palavras-chave: maternidade atípica; saúde mental; negligência; superproteção.

Abstract: This study analyzes the experience of motherhood for children with Autism Spectrum Disorder (ASD), with an emphasis on the difficulties faced by mothers and the consequences for

1 Estudantes de Psicologia no Centro Universitário das Américas

2 Estudantes de Psicologia no Centro Universitário das Américas

3 Estudantes de Psicologia no Centro Universitário das Américas

4 Estudantes de Psicologia no Centro Universitário das Américas

5 Docente de Psicologia no Centro Universitário das Américas

their mental health. The research highlights the importance of understanding the particularities of the care provided to these children. In addition, the analysis shows that both parental neglect and overprotection can arise as responses to the complex demands of ASD, highlighting the need for support networks and appropriate interventions.

Keywords: atypical motherhood; mental health; neglect; overprotection.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo:

- Investigar criticamente as experiências emocionais e sociais das mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA);
- Explorar os desafios diários que essas mães enfrentam;
- Analisar o impacto psicológico e social da negligência e da superproteção parental em suas vidas.
- Propor estratégias de enfrentamento e redes de apoio adequadas para promover o bem-estar dessas mães.

Metodologia

Para abordar as questões relativas aos objetivos foi feita a seguinte metodologia:

Processo de Seleção e Exclusão dos Artigos

Definição dos Critérios de Inclusão:

- Idioma: Apenas artigos disponíveis na íntegra em português foram considerados.
- Intervalo de Publicação: Foram incluídos apenas artigos publicados entre 2000 e 2024, garantindo que a pesquisa refletisse as informações mais recentes sobre o tema.
- Relevância Temática: Os artigos deveriam abordar diretamente a maternidade de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), focando em questões como negligência e superproteção parental.

Metodologia de Busca:

- Plataformas Utilizadas: As buscas foram realizadas nas plataformas SciELO e Lilacs. Essas bases de dados são conhecidas por oferecerem um vasto acervo de publicações científicas em diferentes áreas.
- Combinações de Descritores: Para refinar a busca, foram utilizadas três etapas com combinações de palavras-chave, como “maternidade atípica”, “negligência parental” e “superproteção parental”. Essa estratégia ajudou a lidar com diferentes enfoques sobre o tema.

Triagem Inicial:

- Leitura de Títulos e Resumos: Na primeira triagem, foi feita a leitura de títulos e resumos dos artigos encontrados. Foram descartados aqueles que não se relacionavam diretamente com os temas propostos ou que não estavam disponíveis na íntegra.

Análise Detalhada:

- Seleção de Artigos: Os artigos que passaram pela triagem inicial foram lidos na íntegra.

Essa análise permitiu avaliar a profundidade da discussão, a metodologia utilizada e a análise crítica das experiências das mães.

Critérios de Exclusão: Artigos que apresentassem:

- Foco inadequado (ex: que tratassem do TEA apenas sob uma perspectiva médica, sem considerar a experiência materna);
- Metodologias fracas (ex: análises sem evidências empíricas ou revisão bibliográfica superficial);
- Não estivessem dentro do período definido.
- Foram excluídos da pesquisa aqueles que não atingissem os critérios estabelecidos.

Análise do Conteúdo e do Tema

Estrutura de Análise:

- Identificação de Temas e Subtemas: Cada um dos 11 artigos selecionados foram analisados em busca de temas centrais que emergiam, como:
 1. Desafios emocionais enfrentados pelas mães.
 2. Impacto da negligência e superproteção na dinâmica familiar.
 3. Estratégias de enfrentamento e suporte social.

Métodos de Análise:

- Análise Qualitativa: Utilizou-se uma abordagem qualitativa para explorar as narrativas e experiências relatadas nas publicações. Isso incluiu a análise das histórias contadas e dos

sentimentos expressos pelas mães.

- **Discussão Crítica:** Aberta a debates sobre as implicações das conclusões de cada artigo e como elas se inter-relacionam. Foi crucial considerar como as realidades sociais e culturais moldam essas experiências.

Integração dos Resultados:

- **Síntese dos Achados:** A partir da análise, foram sintetizados os principais achados que contribuíram para a fundamentação teórica do estudo. Isso incluiu a elaboração de um quadro teórico que integrasse as diversas experiências e desafios enfrentados pelas mães de crianças com TEA.

Reflexão e Implicações:

- **Relevância da Abordagem:** Ao final, a análise dos artigos selecionados ajudou a delinear um panorama abrangente das dificuldades emocionais e sociais enfrentadas pelas mães, levantando questões importantes para futuras intervenções e pesquisas.

Esse processo metódico garantiu que a pesquisa estivesse baseada em evidências robustas e que refletisse de maneira fiel as experiências das mães de crianças com TEA.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), conhecido popularmente como autismo, é uma condição do neurodesenvolvimento que se manifesta em diferentes graus e formas, afetando diretamente o comportamento, a comunicação e as habilidades sociais do indivíduo. Reconhecido por

instituições como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o TEA é caracterizado por dificuldades na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e interesses restritos. A heterogeneidade das manifestações do transtorno faz com que alguns indivíduos apresentem habilidades excepcionais, enquanto outros necessitam de suporte intensivo nas atividades cotidianas (APA, 2014).

Neste contexto, a maternidade de uma criança com autismo se configura como uma experiência singular e complexa. Ser mãe de uma criança atípica envolve um percurso marcado por intensas exigências emocionais, sociais e práticas, que exigem constante adaptação, paciência e resiliência. As mães enfrentam, diariamente, o desafio de compreender e atender às necessidades específicas de seus filhos, enquanto lidam com sentimentos ambíguos e uma rotina muitas vezes exaustiva (PONTE; ARAÚJO, 2022).

Um dos primeiros impactos emocionais após o diagnóstico é o luto pela maternidade idealizada — aquela construída socialmente como plena e previsível. A quebra dessa expectativa pode gerar frustração, tristeza, culpa e solidão. Muitas mães relatam se sentir pressionadas a corresponder a um modelo de maternidade perfeita, mesmo diante da realidade desafiadora de criar uma criança com necessidades específicas (CRISÓSTOMO; GROSSI; SOUZA, 2019).

Essa sobrecarga emocional é agravada pela escassez de políticas públicas eficazes, pela dificuldade de acesso a serviços de saúde e educação inclusiva, e pela pouca compreensão social sobre o autismo (BASTOS et al., 2019).

Além disso, há dilemas constantes entre os riscos da negligência e da superproteção. A negligência, muitas vezes involuntária, pode ocorrer em razão do cansaço físico e emocional acumulado, gerando consequências para o desenvolvimento da criança e sentimentos de culpa nas mães. Por outro lado, a superproteção — motivada pelo medo de rejeição social ou pelo desejo de proteger a criança dos desafios do mundo — pode comprometer a autonomia infantil, impedindo seu crescimento independente e saudável. Tais dilemas reforçam a complexidade de se exercer a maternidade no contexto do TEA (CRISÓSTOMO; GROSSI; SOUZA, 2019).

A experiência da maternidade atípica também evidencia a importância das redes de apoio. Ter suporte emocional, prático e social — seja de familiares, profissionais da saúde, instituições ou grupos de mães — pode ser determinante para a qualidade de vida tanto da mãe quanto da criança. O acolhimento, a escuta empática e a troca de experiências entre mães são estratégias que fortalecem o enfrentamento das dificuldades do cotidiano e permitem que elas se reconheçam e se validem mutuamente em seus sentimentos, limitações e conquistas (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020).

Neste trabalho, propomos investigar as vivências de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista, abordando os desafios cotidianos, as implicações emocionais do cuidado, os dilemas entre negligência e superproteção, bem como o papel das redes de apoio na gestão da maternidade atípica. A relevância desta discussão está na necessidade urgente de promover reflexões e políticas públicas mais inclusivas, que acolham as especificidades dessas mães e de seus filhos, garantindo direitos, acesso a recursos e uma sociedade mais justa e empática. A trajetória dessas mulheres, ainda que marcada por obstáculos, revela uma impressionante capacidade de adaptação e força diante das adversidades. (PONTE; ARAÚJO, 2022).

Impacto Emocional

A experiência de ser mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode desencadear uma ampla gama de emoções, muitas vezes intensas e contraditórias. O amor incondicional, a alegria em pequenas conquistas e a dedicação são sentimentos constantes, mas coexistem com frustração, medo, ansiedade e, em certos momentos, desespero. Esse impacto emocional exerce uma influência direta tanto na saúde mental dessas mães quanto no bem-estar e no desenvolvimento das crianças (PONTE; ARAÚJO, 2022).

Um dos aspectos mais marcantes dessa vivência é o luto simbólico — não pela perda física da criança, mas pela desconstrução das expectativas idealizadas em torno da maternidade. A constatação de que o desenvolvimento do filho seguirá um percurso distinto do esperado pode gerar sentimentos

de tristeza profunda, culpa e inadequação. Muitas mães se culpam por acreditar que falharam em algum momento ou se questionam se poderiam ter feito algo diferente. Esse processo de autocrítica se torna cíclico: quanto mais culpa sentem, mais se cobram, e quanto mais se cobram, mais culpa carregam, levando a estados de estresse crônico e exaustão emocional (PONTE; ARAÚJO, 2022).

Essas emoções são potencializadas pela ausência de apoio social e pela invisibilidade que muitas mães enfrentam no cotidiano. A sobrecarga de cuidados, aliada à falta de compreensão por parte da sociedade, torna-as vulneráveis ao isolamento. A dificuldade de encontrar espaços de escuta empática e a constante necessidade de justificar comportamentos do filho em ambientes públicos fazem com que muitas evitem interações sociais. Por exemplo, uma mãe pode evitar sair com o filho ao mercado com receio de crises ou olhares julgadores, o que contribui para a sua retração social e solidão (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Nesse cenário, surgem dois comportamentos extremos que, embora opostos, estão interligados: a negligência e a superproteção. Ambos são respostas emocionais à sobrecarga e ao medo constante de errar. A negligência, muitas vezes involuntária, pode acontecer quando a mãe se vê emocionalmente esgotada, sem recursos físicos ou psicológicos para atender todas as demandas da criança. Ela pode, por exemplo, deixar de estimular a criança adequadamente por cansaço, ou não perceber sinais de regressão no comportamento do filho por estar mentalmente distraída. Essa negligência não decorre da falta de amor, mas sim de um esgotamento profundo, frequentemente ignorado pelo entorno social (BASTOS et al., 2019).

Por outro lado, a superproteção se manifesta quando, diante do medo de rejeição, frustração ou sofrimento do filho, a mãe tenta poupá-lo de qualquer desafio, impedindo o desenvolvimento da autonomia. Um exemplo comum é quando a mãe realiza tarefas que a criança já poderia tentar fazer sozinha, como se alimentar, vestir-se ou interagir com outras pessoas, por acreditar que isso evitará sofrimento ou exposição. Embora essa atitude pareça carinhosa, a longo prazo, pode limitar a capacidade da criança de desenvolver habilidades sociais, emocionais e práticas fundamentais para sua independência (CAVALCANTE; ALVES, 2023).

Essas respostas extremas ao cuidado também geram sentimentos de culpa: se a mãe negligencia, sente-se culpada por não estar presente o suficiente; se superprotege, teme estar limitando o crescimento do filho. Ambas as situações aumentam o desgaste emocional e dificultam o equilíbrio entre proteção e estímulo à autonomia. É nesse ponto que a presença de redes de apoio e acompanhamento profissional se mostra essencial, não apenas para o bem-estar da criança, mas para a saúde emocional da mãe (BASTOS et al., 2019).

Portanto, compreender o impacto emocional da maternidade atípica vai além de reconhecer o sofrimento: exige empatia, políticas públicas que ofereçam suporte real às famílias, e espaços de escuta e acolhimento. Somente assim será possível transformar o cuidado em um ato de equilíbrio e não de sacrifício silencioso (BASTOS et al., 2019).

Negligência parental

A negligência parental pode ser um reflexo da exaustão física e emocional das mães diante das complexas demandas de uma criança atípica.

Não é uma escolha deliberada, mas sim um resultado da sobrecarga e da falta de recursos (BASTOS et al., 2019).

As causas da negligência podem incluir a falta de conhecimento e recursos, isolamento social e estresse. As consequências podem afetar o desenvolvimento da criança, levando a atrasos sociais, emocionais e cognitivos (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020).

Tipos de Negligência Parental

- Física: Falta de atendimento às necessidades básicas da criança, como alimentação, higiene e supervisão adequada. No caso de uma criança atípica, isso pode incluir a não observação de cuidados médicos específicos ou terapias essenciais (BASTOS et al., 2019).

- Emocional: A ausência de suporte emocional ou a falta de interação afetiva com a criança. Crianças atípicas, que muitas vezes enfrentam desafios no desenvolvimento emocional e social, podem sofrer ainda mais com a falta de apoio nesse aspecto (BASTOS et al., 2019).
- Educacional: Quando os pais ou responsáveis deixam de fornecer os recursos necessários para o desenvolvimento cognitivo da criança, como acompanhamento escolar ou terapias especializadas. Em crianças atípicas, isso pode ser agravado pela falta de conhecimento sobre programas educacionais adequados ou pela ausência de adaptação nas escolas (BASTOS et al., 2019).
- Médica: A recusa ou negligência em buscar atendimento médico ou terapias adequadas, que são cruciais para o desenvolvimento da criança (BASTOS et al., 2019).

Causas de Negligência Parental em Crianças Atípicas

- Sobrecarga emocional e física: O cuidado de uma criança atípica exige um nível de atenção e esforço que pode ser extremamente desgastante para os pais. Esse esgotamento pode levar a falhas não intencionais no cuidado, que acabam sendo classificadas como negligência (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020).
- Falta de recursos e conhecimento: Muitas vezes, os pais não têm acesso a informações adequadas sobre o que suas crianças necessitam ou não têm meios financeiros para arcar com tratamentos e terapias. Sem suporte adequado, eles podem, involuntariamente, não prover o que é necessário (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020).
- Isolamento social: O isolamento social que muitas famílias de crianças atípicas experimentam pode aumentar o estresse e a vulnerabilidade, reduzindo a capacidade dos pais de atender às necessidades dos filhos (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020).

Consequências da Negligência Parental

- Prejuízos no desenvolvimento: Crianças que não recebem os cuidados adequados podem sofrer atrasos no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, impactando sua capacidade de se adaptar e de interagir socialmente (CAVALCANTE; ALVES, 2023).
- Sentimento de falha nos pais: Os pais, especialmente aqueles que já estão lidando com a pressão de cuidar de uma criança com necessidades especiais, podem se sentir ainda mais culpados quando percebem que não estão conseguindo prover o cuidado adequado. Isso pode levar a sentimentos de incompetência e desesperança (BASTOS et al., 2019).
- Efeitos psicológicos na criança: A negligência pode gerar problemas emocionais e comportamentais na criança, como baixa autoestima, ansiedade e depressão (BASTOS et al., 2019).

A Importância do Suporte

Para evitar a negligência, é essencial que os pais de crianças atípicas recebam apoio adequado. Isso inclui desde o suporte psicológico e emocional até recursos práticos, como assistência financeira, programas de inclusão e redes de apoio. O envolvimento de profissionais especializados, como psicólogos, assistentes sociais e terapeutas, também é crucial para ajudar a aliviar a carga emocional dos pais e garantir que a criança receba os cuidados adequados (CAVALCANTE; ALVES, 2023).

Conclusão: A negligência parental em relação a crianças atípicas muitas vezes não é intencional, mas resulta de uma combinação de fatores como esgotamento, falta de suporte e ausência de recursos. Entender essas causas e trabalhar para fornecer apoio adequado às famílias é essencial para garantir o bem-estar tanto das crianças quanto dos pais (CAVALCANTE; ALVES, 2023).

Superproteção parental

Restrição à sua independência e no progresso da criança, pode ser uma reação de receio do preconceito e desconfiança nas capacidades da criança. (GOMES; BOSA, 2004).

Incluem o medo do preconceito e o desejo de proteger a criança de experiências negativas são as causas da superproteção. Também podem incluir dificuldades de socialização, baixa autoestima e dificuldade em lidar com frustrações (GOMES; BOSA, 2004).

Características da Superproteção Parental

- Excessivo controle: Os pais tomam decisões em nome da criança, muitas vezes sem permitir que ela tenha voz ativa. Isso pode incluir desde pequenas escolhas diárias até questões mais complexas, como a socialização e a educação da criança (GOMES; BOSA, 2004).
- Evitar frustrações: Os pais podem intervir em situações que consideram difíceis, evitando que a criança enfrente desafios ou frustrações naturais do dia a dia. Embora bem-intencionada, essa atitude pode prejudicar o desenvolvimento da resiliência da criança (FÁVERO-NUNES; Santos, 2010).
- Limitar a independência: Em vez de encorajar a autonomia, os pais superprotetores tendem a fazer por seus filhos aquilo que eles já seriam capazes de fazer sozinhos, acreditando que estão agindo em benefício deles (FÁVERO-NUNES; Santos, 2010).

Causas da Superproteção Parental em Crianças Atípicas

- Medo do preconceito: Muitos pais de crianças atípicas temem que seus filhos sejam discriminados ou maltratados em ambientes sociais. Como resultado, eles podem adotar

uma postura de hiperproteção, tentando evitar qualquer situação que possa expor a criança a esses riscos (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

- Desconfiança nas capacidades da criança: Em alguns casos, os pais podem subestimar as habilidades da criança, acreditando que ela não conseguirá realizar determinadas tarefas sozinha. Isso é especialmente comum em situações onde as limitações da criança são mais visíveis ou exigem adaptações que os pais podem não estar preparados para proporcionar (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).
- Autoridade e autonomia: uma relação entre a criança e a família no contexto infantil (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).
- Desejo de evitar experiências negativas: Muitos pais, temendo que seus filhos sofram decepções ou frustrações, evitam expor as crianças a situações potencialmente desafiadoras. Essa postura pode ser motivada pelo desejo de poupar a criança do sofrimento emocional (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Consequências da Superproteção Parental

- Dificuldades de socialização: Crianças que são superprotegidas frequentemente enfrentam dificuldades para se socializar, pois não têm a oportunidade de praticar interações sociais de maneira independente. Isso pode levar ao isolamento social e à falta de habilidades interpessoais (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).
- Baixa autoestima: Quando os pais não permitem que a criança explore sua independência e capacidades, isso pode minar sua autoestima. A criança começa a acreditar que não é capaz de realizar tarefas sem ajuda, o que impacta negativamente sua autoconfiança (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).
- Dificuldade em lidar com frustrações: Ao impedir que a criança enfrente desafios e frustrações, os pais também estão dificultando o desenvolvimento da habilidade de lidar

com esses sentimentos. Crianças superprotegidas podem crescer sem aprender a tolerar frustrações, o que pode levar a crises emocionais ou comportamentais na vida adulta (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).

Importância do Equilíbrio

É fundamental que os pais de crianças atípicas encontrem um equilíbrio entre oferecer apoio e permitir que a criança desenvolva sua autonomia. Encorajar a independência, mesmo que em pequenos passos, ajuda a fortalecer a autoestima da criança e a prepará-la para enfrentar os desafios da vida. Oferecer um ambiente seguro e ao mesmo tempo desafiador, com oportunidades para que a criança explore suas habilidades, é essencial para um desenvolvimento saudável (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).

A superproteção parental, embora motivada pelo desejo de proteger a criança de experiências negativas, pode restringir seu progresso e independência. Ao equilibrar apoio com incentivo à autonomia, os pais podem ajudar seus filhos a desenvolverem habilidades importantes para sua vida adulta, promovendo seu bem-estar emocional e social (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).

Enfrentamento

O enfrentamento das mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) diante das tensões entre negligência e superproteção é uma jornada desafiadora, repleta de aprendizados, adaptações e construção de novos significados sobre a maternidade. Essa vivência exige não apenas o acesso a recursos e apoios adequados, mas também o desenvolvimento de estratégias pessoais, familiares e sociais que possibilitem lidar com as exigências diárias do cuidado (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Uma das estratégias centrais utilizadas pelas mães é a busca ativa por conhecimento sobre

o transtorno. Muitas se engajam em cursos, palestras, leitura de artigos científicos e materiais educativos para compreender melhor o comportamento dos filhos, os estímulos mais eficazes, os sinais de progresso e até os direitos garantidos por lei. Esse processo educativo contribui para que as mães se tornem mais seguras, fortalecendo sua autonomia nas decisões relacionadas ao cuidado. Por exemplo, ao entender que determinada resistência da criança não é birra, mas uma reação sensorial comum no TEA, a mãe pode adaptar o ambiente ou a abordagem sem se sentir culpada ou julgada (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Outra estratégia bastante comum envolve a reorganização da rotina familiar. Mães de crianças atípicas frequentemente estruturam o cotidiano em torno das necessidades específicas dos filhos, utilizando recursos visuais como quadros de rotina, cronogramas com imagens e símbolos, e estratégias de antecipação de atividades para reduzir a ansiedade e promover previsibilidade. Essa organização favorece o bem-estar da criança e contribui para que a mãe se sinta mais preparada para enfrentar imprevistos (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

A prática do autocuidado, embora muitas vezes deixada em segundo plano, também constitui uma forma importante de enfrentamento. Algumas mães buscam reservar momentos, ainda que breves, para atividades que lhes proporcionem alívio emocional, como caminhadas, meditação, leitura ou atividades artísticas. Outras, por meio de terapia individual, aprendem a reconhecer seus próprios limites e a lidar com sentimentos de culpa ou frustração, fortalecendo sua saúde mental (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

O fortalecimento da rede de apoio, embora essencial, vai além do simples “buscar ajuda”. Muitas mães constroem suas próprias redes, criando ou participando de grupos de trocas entre famílias atípicas, organizando encontros, espaços de escuta coletiva ou redes virtuais. Esses espaços tornam-se fundamentais não apenas para desabafos, mas também para compartilhar estratégias práticas e construir senso de pertencimento (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Além disso, algumas mães desenvolvem habilidades de mediação social, tornando-se defensoras dos direitos de seus filhos em espaços como escolas, postos de saúde ou órgãos públicos.

Nesse contexto, enfrentam preconceitos, buscam garantir o acesso a recursos, e muitas vezes tornam-se agentes transformadoras em suas comunidades. Essa postura ativa contribui para o empoderamento materno e para o reconhecimento social de suas experiências (BASTOS et al., 2019).

Por fim, a espiritualidade e a fé também surgem como importantes mecanismos de enfrentamento para muitas mães. A crença em um propósito maior, ou em uma força que as sustenta nos momentos difíceis, é frequentemente relatada como uma fonte de resiliência e de esperança diante dos desafios impostos pelo TEA (BASTOS et al., 2019).

Em suma, o enfrentamento da negligência e da superproteção por parte das mães de crianças atípicas não se resume à busca por apoio emocional. Trata-se de um processo complexo e multifacetado, que envolve educação contínua, reorganização da vida cotidiana, desenvolvimento pessoal e ações coletivas. Reconhecer e valorizar essas estratégias é essencial para promover não apenas o bem-estar das crianças, mas também a saúde emocional e a dignidade dessas mães (BASTOS et al., 2019).

Discussão

A revisão da literatura revela que a maternidade atípica, especialmente no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), está fortemente marcada por experiências emocionais intensas, desafios constantes e impacto direto na saúde mental das mães. Os estudos analisados apontam que sentimentos de estresse, culpa, solidão, ansiedade e exaustão são recorrentes entre essas mulheres, em parte pela sobrecarga das demandas diárias e em parte pela falta de suporte institucional e social (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Dois polos comportamentais se destacam na dinâmica parental dessas mães: a negligência e a superproteção. Ambos aparecem como respostas possíveis diante da ausência de preparo, orientação e apoio. A negligência, muitas vezes involuntária, surge da exaustão física e emocional, da falta de conhecimento sobre o transtorno e da escassez de recursos. Já a superproteção, embora motivada pelo amor e pelo desejo de proteger o filho do preconceito e do sofrimento, pode limitar o desenvolvimento

da autonomia da criança, afetando sua autoestima e capacidade de adaptação social (SCHMIDT; BOSA, 2007).

Um ponto crucial evidenciado nos estudos é a relação direta entre o bem-estar materno e o desenvolvimento da criança. Mães que recebem apoio emocional, educacional e comunitário tendem a apresentar maior resiliência, conseguindo lidar de forma mais equilibrada com as demandas da maternidade atípica. Nesse sentido, estratégias de enfrentamento eficazes incluem a busca por conhecimento, a organização da rotina, o fortalecimento de redes de apoio, o autocuidado e o engajamento em ações coletivas de defesa e inclusão (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020).

Análise crítica

Apesar de reconhecer os desafios enfrentados por essas mães, a literatura ainda trata de forma pontual as nuances entre negligência e superproteção, sem considerar suficientemente os contextos sociais e econômicos que moldam essas atitudes. É necessário ampliar a análise para além do comportamento materno isolado, compreendendo que muitas dessas práticas são fruto da ausência de políticas públicas efetivas, da precarização dos serviços de saúde mental e da exclusão educacional enfrentada por famílias atípicas (CAVALCANTE; ALVES, 2023).

Além disso, a ênfase na figura materna como principal cuidadora, embora corresponda à realidade da maioria dos casos, perpetua uma sobrecarga de gênero que precisa ser questionada. A corresponsabilização da família, da sociedade e do Estado é essencial para romper com esse ciclo de sobrecarga emocional e prevenir tanto a negligência quanto a superproteção (CAVALCANTE; ALVES, 2023).

Portanto, torna-se urgente promover ações concretas de apoio às mães atípicas — como a criação de redes institucionais de acolhimento, programas de capacitação parental, acesso ampliado a terapias e acompanhamento psicológico. Somente com esse suporte é possível transformar a experiência da maternidade atípica em um processo mais saudável, afetivo e sustentável, tanto para as

mães quanto para suas crianças (CAVALCANTE; ALVES, 2023).

Comparação entre negligência e superproteção

A negligência parental é definida como a incapacidade de atender adequadamente às necessidades dos filhos, seja por ausência de cuidados físicos, educacionais, emocionais ou supervisão, essenciais para o desenvolvimento da criança. Muitas famílias carecem de acesso a recursos, conhecimentos ou habilidades necessárias para satisfazer essas necessidades. Como consequência, a criança pode apresentar atrasos no desenvolvimento físico, emocional e social, além de baixa autoestima e dificuldades em se relacionar. Em famílias atípicas, essa demanda é ainda maior devido às necessidades únicas de crianças neurodivergentes, que exigem atenção diferenciada por causa de suas limitações (SCHMIDT; BOSA, 2007).

Por outro lado, a superproteção ocorre quando os pais resolvem todos os problemas dos filhos, removendo obstáculos que seriam etapas importantes para o desenvolvimento psicossocial. Isso pode reduzir a capacidade resolutiva da criança e a sua tolerância à frustração, impedindo o desenvolvimento de um locus de controle interno, necessário para aprender a lidar com adversidades. Esse comportamento parental intrusivo pode fomentar uma relação de dependência entre a criança e os pais, prejudicando o desenvolvimento cognitivo da criança (SCHMIDT; BOSA, 2007).

Os efeitos da superproteção podem incluir falta de autonomia, dificuldades na tomada de decisão, dificuldades em superar desafios e em construir vínculos sociais. Isso impede o desenvolvimento de habilidades cotidianas, o que pode ter consequências duradouras, afetando o bem-estar emocional ao longo da vida (SCHMIDT; BOSA, 2007).

As consequências da negligência e da superproteção são profundas e podem afetar o desenvolvimento emocional e social das crianças atípicas. A negligência, mesmo que não intencional, pode resultar em atrasos no desenvolvimento, problemas comportamentais e dificuldades de socialização. Por outro lado, a superproteção pode levar a uma falta de autonomia e habilidades de

enfrentamento, dificultando a adaptação das crianças a situações desafiadoras no futuro (SCHMIDT; BOSA, 2007).

Portanto, é imperativo que a sociedade reconheça e valorize as experiências das mães de crianças atípicas, promovendo políticas públicas que garantam acesso a serviços de saúde mental, educação e suporte social. A inclusão de programas de formação e capacitação para mães pode empoderá-las, proporcionando ferramentas para lidar com os desafios da maternidade atípica. Além disso, a sensibilização da sociedade em geral sobre a diversidade de desenvolvimento e a promoção de ambientes inclusivos são passos cruciais para reduzir o estigma e apoiar essas famílias (GOMES; BOSA, 2004).

Experiências de mães de crianças Atípicas

Estudos apontam que espaços de escuta e troca entre mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm se mostrado fundamentais para o enfrentamento dos desafios cotidianos. Nesses contextos, observa-se frequentemente a presença de sentimentos como solidão, sobrecarga emocional e escassez de apoio, indicando a relevância de ambientes acolhedores que favoreçam o compartilhamento de experiências e o fortalecimento emocional (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

A literatura também destaca que, quando essas mães têm a oportunidade de refletir sobre suas vivências — por meio de rodas de conversa, dinâmicas de grupo ou atendimentos clínicos —, tendem a demonstrar avanços no autoconhecimento, no manejo do estresse e na busca por estratégias educativas mais eficazes para apoiar seus filhos (BASTOS et al., 2019). Tais espaços contribuem não apenas para a construção de redes de apoio, mas também para a validação de sentimentos e a ampliação da empatia mútua (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).

Ainda segundo os estudos, o impacto do TEA reverbera em todo o núcleo familiar, sendo a mãe frequentemente a principal figura de suporte emocional. Por isso, a criação de ambientes seguros

e empáticos para essas mulheres é fundamental para que elas possam se fortalecer e, assim, cuidar de forma mais equilibrada de seus filhos e de si mesmas (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).

Pai ausente: ausência que pesa

O pai ausente, mencionado recorrentemente nos relatos, não diz respeito apenas à ausência física, mas à ausência afetiva, relacional e de corresponsabilidade nos cuidados. Muitas mães relataram que os pais de seus filhos são resistentes ao diagnóstico ou pouco engajados nas rotinas terapêuticas e médicas. Essa ausência é vivida como mais uma sobrecarga — a mãe se vê sozinha para interpretar, acompanhar e intervir no desenvolvimento da criança, sem poder dividir as decisões ou emoções com o parceiro (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

A ausência do pai pode ter diversas consequências para uma criança autista, afetando seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Aqui estão algumas das principais consequências:

1) Desenvolvimento Emocional

- **Insegurança e Ansiedade:** A falta da figura paterna pode levar a sentimentos de insegurança e ansiedade, dificultando a capacidade da criança de lidar com mudanças e desafios (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).
- **Dificuldades na Regulação Emocional:** Crianças autistas podem ter dificuldades em expressar e regular suas emoções, e a ausência do pai pode agravar essa situação (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

2) Habilidades Sociais

- **Interações Sociais Limitadas:** A presença do pai pode ajudar a criança a desenvolver

habilidades sociais. Sem essa figura, a criança pode ter mais dificuldades em interagir com os outros e em entender normas sociais (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

- **Isolamento Social:** A ausência do pai pode contribuir para o isolamento social, uma vez que a criança pode não ter oportunidades suficientes para praticar interações sociais (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

3) Vínculos Afetivos

- **Dificuldades em Formar Vínculos:** A ausência do pai pode dificultar a formação de vínculos afetivos saudáveis, o que é crucial para o desenvolvimento emocional da criança (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).
- **Problemas de Apego:** Crianças que não têm uma figura paterna presente podem desenvolver padrões de apego inseguros, o que pode afetar relacionamentos futuros (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

4) Desempenho Acadêmico e Cognitivo

- **Menor Apoio Educacional:** A ausência do pai pode resultar em menos apoio nas atividades escolares, o que pode impactar o desempenho acadêmico da criança (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).
- **Dificuldades de Aprendizagem:** A falta de estímulos e interações variadas pode limitar o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de aprendizado da criança (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

5) Comportamentos Desafiadores

- Aumento de Comportamentos Desafiadores: A ausência do pai pode levar a um aumento de comportamentos desafiadores, como agressividade ou retraimento, como forma de expressar frustração ou necessidade de atenção (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

6) Impacto na Mãe

- Sobrecarga Emocional: A ausência do pai pode sobrecarregar a mãe, que pode se sentir sozinha e estressada, o que pode afetar sua capacidade de cuidar da criança de forma eficaz (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).
- Dificuldades na Dinâmica Familiar: A falta de um pai pode alterar a dinâmica familiar, levando a conflitos e tensões que podem impactar a criança (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

7) Necessidade de Apoio Externo

- Busca por Apoio: A ausência do pai pode levar a uma maior necessidade de apoio externo, como terapia e grupos de suporte, para ajudar a criança e a mãe a lidar com os desafios (SMEHA; DANZMANN; LUNARDI, 2024).

Conclusão

A maternidade de mães de crianças atípicas com necessidades especiais, entre elas, aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é marcada por uma jornada intensa, permeada por

desafios emocionais, sociais e estruturais. Como foi discutido ao longo deste trabalho, essas mães frequentemente vivenciam sentimentos de sobrecarga, solidão e insegurança, resultantes tanto da ausência de apoio quanto da pressão constante de atender às demandas específicas de seus filhos. Em meio a essa realidade, encontram-se entre dois extremos: a negligência involuntária, fruto do cansaço e da exaustão, e a superproteção, motivada pelo medo e pela insegurança quanto ao futuro (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).

Nesse contexto, este estudo teve como objetivo compreender de forma mais profunda os impactos da maternidade atípica, os fatores que influenciam o bem-estar dessas mães, e como estratégias de apoio, como redes comunitárias, intervenções terapêuticas e políticas públicas, podem atuar como elementos transformadores. As análises desenvolvidas permitiram responder às questões levantadas inicialmente, evidenciando a urgência de ações que promovam não só o cuidado com as crianças, mas também com as mães enquanto sujeitos singulares que precisam ser acolhidos e ouvidos (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2024).

Além disso, é urgente a formulação de políticas públicas que facilitem o acesso ao BPC/LOAS (Benefício de Prestação Continuada) que é um benefício assistencial previsto na LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social) que visa garantir um salário mínimo mensal a pessoas com deficiência e idosos em situação de vulnerabilidade. O principal objetivo do BPC é proporcionar um suporte financeiro para aqueles que não têm meios de prover a própria manutenção ou que não podem contar com o apoio da família (SOARES; MENDES; JUNIOR, 2024).

As vivências relatadas em contextos terapêuticos, conforme apontado na literatura, mostram como a escuta ativa, o acolhimento e a troca de experiências são estratégias potentes para o fortalecimento das mães, tanto emocional quanto socialmente. Essas experiências evidenciam a importância de criar espaços seguros e empáticos, que reconheçam a mãe não apenas como cuidadora, mas como mulher e sujeito de direitos (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Contribuição e continuidade do estudo

Este trabalho cumpre um papel relevante ao dar visibilidade às experiências maternas no contexto da infância atípica, contribuindo para ampliar o olhar clínico, social e político sobre a temática. Ao mesmo tempo, aponta caminhos para ações práticas e transformadoras. A relevância deste estudo se estende para além do ambiente acadêmico, refletindo diretamente nas demandas reais de muitas famílias brasileiras (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Como continuidade, propõe-se aprofundar a pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ampliando a discussão sobre os impactos da maternidade atípica e investigando, de forma mais sistematizada, os efeitos terapêuticos da participação em grupos de apoio. O TCC poderá incluir análises qualitativas e propostas de intervenções baseadas nos princípios da Terapia Cognitivo-Comportamental em grupo, conforme observado na prática de estágio. A continuidade dessa investigação será essencial para desenvolver propostas concretas de acolhimento e cuidado às mães de crianças atípicas, fortalecendo a rede de apoio e promovendo saúde mental de maneira integral (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM 5 -TR. (5a ed.; M.I.C. Nascimento, Trad). Porto Alegre. Artmed. 2014

BASTOS, S.F. et al. O sofrimento psicológico dos pais ou cuidadores de crianças com transtorno do espectro do autismo. Revista Diálogos Interdisciplinares, Mogi das Cruzes, ano 1, v. 8, 2019. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/628/688>. Acesso em: 10 out. 2024.

CAVALCANTE, A.O.; ALVES, A.R.V. Desafios da Maternidade: Implicações do Cuidado ao Filho com Transtorno do Desenvolvimento Intelectual. Fortaleza, 1 jan. 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifametro.edu.br/bitstream/123456789/1369/1/ANDRESSA%20OLIVEIRA%20>

CAVALCANTE%20ANDREZA%20R%20c3%89GIA%20VIDAL%20ALVES%20TCC%20%20 OFICIAL.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

CRISOSTOMO, K.N.; GROSSI, F.R.S; SOUZA, R.S. As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. Revista Psicologia e Saúde, Bahia, ano 3, v. 11, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-093X2019000300006. Acesso em: 10 out. 2024.

FÁVERO-NUNES, M.A.; SANTOS, M.A. Depressão e qualidade de vida em mães de crianças com transtornos invasivos do desenvolvimento. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, jan. 2010. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/rlae/a/RT8LgtBryCbNJ85mRMH7bQG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2024.

GOMES, V. F.; BOSA, C. Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com transtornos globais do desenvolvimento. Estudos de Psicologia , Porto Alegre, dez. 2004. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/epsic/a/wKdM4ZMLncdQvkVsgy7ywRw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2024.

PASTORELLI, S.O.S; VIANA, C.T.S.; BENICASA, M.G. Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus enfrentamentos. REVISTA ACADEMICA ONLINE, São PAULO, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/6>. Acesso em: 10 out. 2024.

PINTO, A.S.; CONSTANTINIDIS, T.C. Revisão Integrativa sobre a Vivência de Mães de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, ano 2, v. 12, abr. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2020000200007. Acesso em: 10 out. 2024

PONTE, A. B. M.; ARAÚJO, L. S. Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity, Belém, v. 14, n. 2, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v14n2/v14n2a10.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, ano 2, v. 59, dez. 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000200008. Acesso em: 10 out. 2024.

SMEHA, L. N.; DANZMANN, P. S.; LUNARDI, R.V. Olhar Materno: O Envolvimento do Pai na vida do(a) Filho(a) com Autismo. *Psicologia em Estudo*, Santa Maria - RS, v. 29, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/55626/751375158096>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SOARES, L. S. A.; MENDES, E. J. S.; JUNIOR, V. C. O. A Efetividade do Benefício de Prestação Continuada (BPC) para Crianças Autistas no Contexto Familiar: Desafios e Perspectivas. *Repositório Universitário da Ânima (RUNA)*, Mossoró, 2024. Disponível em: <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/d3af3bfd-4695-4191-974d-8fc8b068b8c4/content>. Acesso em: 14 abr. 2025.